

# “Futura architecta”: a primeira mulher formada em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes e o tensionamento em torno de sua memória

Camila Almeida Belarmino\*

**Resumo** Este ensaio apresenta recentes descobertas históricas em arquitetura e urbanismo realizadas no âmbito da pesquisa de doutorado. Serão demonstrados os resultados da aplicação do método de pesquisa histórica, desde a estruturação do problema até a comprovação das hipóteses por meio de fontes primárias que conduziram à primeira arquiteta formada no Brasil e, ainda como hipótese a ser comprovada, na América Latina. Importante ressaltar que a investigação resultou na descoberta de sua primeira obra e reconhecimento de sua formação. Será apresentada uma breve discussão metodológica sob o ponto de vista da historicidade das trajetórias em arquitetura e urbanismo, a trajetória contextualizada da personagem historicamente e os possíveis significados historiográficos de sua desinvisibilização.

*Palavras-chave:* arquiteta, mulher, Escola Nacional de Belas Artes.

## “Futura architecta”: la trayectoria de la primera mujer graduada en arquitectura en la Escuela Nacional de Bellas Artes

**Resumen** Este ensayo presenta descubrimientos históricos recientes en arquitectura y urbanismo llevados a cabo en el ámbito de la investigación doctoral. Se demostrarán los resultados de la aplicación del método de investigación histórica, desde la estructuración del problema hasta la confirmación de las hipótesis a través de fuentes primarias que llevaron a la primera arquitecta formada en Brasil y, aún como hipótesis por comprobar, en América Latina. Es importante resaltar que la investigación resultó en el descubrimiento de su primera obra y reconocimiento a su formación. Se presentará una breve discusión metodológica desde el punto de vista de la historicidad de las trayectorias en arquitectura y urbanismo, la trayectoria históricamente contextualizada del personaje y los posibles significados historiográficos de su desinvisibilidad.

*Palabras clave:* arquitecta, mujer, Escuela Nacional de Bellas Artes.

## “Futura architecta”: the trajectory of the first woman to graduate in architecture at the National School of Fine Arts

**Abstract** This essay presents recent historical discoveries in architecture and urbanism carried out within the scope of doctoral research. The results of the application of the historical research method will be demonstrated, from the structuring of the problem to the confirmation of the hypotheses through primary sources that led to the first female architect trained in Brazil and, still as a hypothesis to be proven, in Latin America. It is important to emphasize that the investigation resulted in the discovery of her first work and recognition of her training. A brief methodological discussion will be presented from the point of view of the historicity of the trajectories in architecture and urbanism, the historically contextualized trajectory of the character and the possible historiographical meanings of his de invisibility.

*Keywords:* architect, woman, National School of Fine Arts.

## **—** **À** **guisa da metodologia na construção de narrativas em história da arquitetura e urbanismo**

Com pesquisa intitulada 'A mulher na arquitetura e no urbanismo: trajetórias profissionais entre as décadas de 1910 e 1960 no Rio de Janeiro', em andamento, sob orientação da Professora Doutora Eulalia Portela Negrelos, realizada com bolsa CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP, iniciou-se a busca por personagens desconhecidas ou esquecidas na história da arquitetura e urbanismo. Invisíveis na condição de mulheres, não se propõe com esta pesquisa a recuperação de profissionais pelo caráter excepcional de sua produção, mas apontar a existência destas personagens e observar como se desenvolveram as relações neste campo profissional sob a perspectiva de gênero.

As profissionais, ou objetos deste estudo, são observadas sob uma perspectiva da história social, isto é, uma abordagem que "prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos — sociais — na explicação histórica." (CASTRO, p. 89, 1997). Opta-se por uma abordagem do domínio da história social a fim de contrapor a construção de narrativas fundamentadas na constituição de grandes personagens que, a rigor, são tomados como mentores dos processos históricos. Assim, busca-se a historicização de personagens e instituições que, a partir das suas relações sociais, compuseram o campo da arquitetura e urbanismo que hoje conhecemos e que certamente apresentam rupturas e continuidades com o passado. Por se tratar de figuras excluídas das narrativas, o fundamento da história social como a história das relações sociais pode ser um caminho adequado quando se propõe o estudo das dinâmicas entre homens e mulheres profissionais de arquitetura e urbanismo. Neste sentido, evoca-se o conceito de "gênero" no entendimento de Joan Scott (1989), que o traduz como categoria para a compreensão das relações entre os indivíduos. O que pode ser muito significativo do ponto de vista do campo profissional da arquitetura e urbanismo, considerando que boa parte das atividades de trabalho são baseadas na realização coletiva, seja na prática ou na construção dos saberes.

Outra justificativa para a interlocução entre gênero e o campo em questão é a invisibilidade das mulheres nas narrativas. Algumas são apreciadas timidamente ou intensamente pela historiografia oficializada como é o caso de Lina Bo Bardi. A constatação pode revelar o quanto a escrita das histórias em arquitetura e urbanismo foi um exercício permeado por aquilo que Bourdieu (2002) chama de "dominação masculina", isto é, uma naturalização da suposta superioridade masculina, ao longo de processos históricos, que resultou na síntese do caráter neutro do gênero masculino. Argumenta-se, então, até que ponto conceber narrativas em que a mulher não se faz presente se explica por sua inexistência no passado e existência recente no campo, se pode ser um caso de alheamento à sua presença ou, ainda, se a sua presença é qualificada como pouco influente tendo em conta sua produção.

\* Camila Almeida Belarmino é Historiadora, Professora da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-5589-4425>>.

Encara-se nesta pesquisa a possibilidade de discussão não somente sobre conteúdos, mas também sobre formas de abordagem dos objetos históricos. A partir das reflexões elencadas acima, pontuam-se constatações referentes à historiografia da arquitetura e urbanismo que se pretende problematizar metodologicamente:

- A quase absoluta inexistência de figuras femininas na reconstituição dos processos históricos da arquitetura e urbanismo, compreendendo este fato como uma forma de invisibilidade, segundo o entendimento de Michelle Perrot (2013). Considera-se que a invisibilidade pode ser a abordagem mais adequada para se problematizar, ou seja, tanto para fazer perguntas iniciais ao campo, como: onde estariam as mulheres na história da arquitetura e urbanismo? Quanto, deduzir hipóteses de que elas estiveram presentes, porém não teriam sido esquadrihadas plenamente.
- A questão dos personagens e suas produções, na maneira como foram muitas vezes compreendidos, pode ter obstruído a possibilidade de um olhar sobre aqueles não contemplados. A construção de narrativas centradas em determinados indivíduos traduziu o que Stratigakos (2016) e Colomina (1999) chamaram de “mito do mestre ou gênio”. Tal forma de entender o campo da arquitetura e urbanismo, suas produções e saberes, pode ter tornado obscuras outras trajetórias e a percepção do exercício da arquitetura e urbanismo como uma atividade coletiva.
- Este último ponto se relaciona com “outro”, presente na historiografia da arquitetura e urbanismo, que é o fato de que, quando algumas mulheres aparecem estão circunscritas às atividades de parceria com o profissional do sexo masculino, o que acaba por constituir uma narrativa de relações desiguais, tendo em vista que persiste o imaginário do mestre criador e de sua assistente.
- Uma produção centrada em personagens como Lina Bo Bardi e Carmem Portinho. Apesar desta centralidade, não se pretende desqualificar os estudos sobre tais personagens. Importante também destacar que se tem observado a ampliação de publicações sobre outros nomes em diferentes estados do Brasil.

Tendo em conta tais aspectos, se esboçaram as intenções metodológicas desta pesquisa como contribuição para o campo da historiografia da arquitetura e urbanismo: a busca pelas trajetórias das primeiras profissionais do campo; a apreensão do processo de constituição do campo da arquitetura e urbanismo ao longo do tempo como fruto da interação entre os agentes, sob uma perspectiva de gênero; a desconstrução da colaboração desigual como forma de delimitar objetos de pesquisa e a expansão do universo de profissionais mulheres na história da arquitetura e urbanismo. Portanto, ao longo do exercício de pesquisa, concluiu-se que não é apenas importante trazer à tona personagens a fim de anexá-las a uma historicidade oficial e, tampouco, subtematizar a história da arquitetura e urbanismo a partir da mulher como objeto de pesquisa. Sugere-se que a possibilidade de rediscussão das formas narrativas integra uma maneira oportuna de se considerar trajetórias de mulheres e de outros agentes não mirados.

## **Desinvisibilizando uma trajetória: Arinda da Cruz Sobral, a primeira “architecto” da Escola Nacional de Belas artes (ENBA)**

Arinda da Cruz Sobral nasceu em 04 de agosto de 1883 na cidade do Rio de Janeiro. Consta que frequentou a Escola Normal a partir de 1899 sendo diplomada no ano de 1905. A cerimônia de colação de grau ocorreu em 1906, foi noticiada nos jornais e a turma, composta de estudantes de vários outros estados e imigrantes de Portugal, Espanha e Bélgica, recebeu o diploma das mãos do presidente Rodrigues Alves num total de 47 formandas. O evento, ocorrido no Museu Pedagógico – Pedagogium, e posterior centro de cultura superior, também contou com a presença do prefeito da cidade Francisco Pereira Passos. O Jornal *O Século* assim iniciou a notícia sobre a cerimônia:

*Colação de grão*

*Normalistas Diplomadas*

*Realizou-se hontem, às 8 horas da noite, no edificio do Pedagogium, a solenidade de entrega de diplomas às professoras que concluíram o curso no anno próximo indo, tendo a ella assistido aos srs. Presidente da Republica e prefeito municipal. (O Século, 28 de setembro de 1906, p. 3)*

Suas atividades como docente tiveram início a partir de sua designação como estagiária adjunta pela Diretoria Geral de Instrução Pública Municipal em 1905. Posteriormente, foi nomeada como professora adjunta efetiva da Prefeitura em 1909, atuando no Instituto Profissional Feminino e em colégios da área de São Cristóvão, próximo à Quinta da Boa Vista como o Colégio Nilo Peçanha. É possível encontrar dados sobre a vida profissional de Arinda como professora municipal até o ano de 1926 em periódicos da cidade que publicavam despachos da Prefeitura.

Seu ingresso na ENBA muito provavelmente ocorreu em 1907 e as fontes revelam alguns momentos, tais como: o segundo lugar no concurso da aula de desenho figurado em 1908, sua aprovação com distinção em 1909 e o terceiro lugar também no concurso da aula de desenho figurado. Além disso, foi estudante na mesma turma de Adolpho Morales de Los Rios Filho, que ficou em quinto lugar no último concurso citado, manteve sua carreira como docente do ensino público durante e depois de sua formação como arquiteta.

Neste sentido, destaca-se a existência de uma mulher nas classes de uma instituição de público majoritariamente masculino e no contexto da luta para afirmação e reconhecimento de um campo profissional, pode não ser irrelevante. Pelo contrário, torna-se relevante ao tomar em consideração as condições das estruturas sociais e de pensamento da época, de certa forma, Arinda da Cruz Sobral (figura 1) traduz a possibilidade de ingresso de mais e mais mulheres posteriores a ela no curso.

Será fundamental seguir investigando quais foram as atuações da primeira arquiteta na dimensão do trabalho, a fim de confirmar uma das hipóteses desta pesquisa, que diz respeito à segmentação das atividades por gênero em arquitetura e urbanismo. Porém, sobre as relações de gênero e a maneira como as narrativas são estabelecidas, é possível intuir sobre as razões que auxiliam na compreensão da invisibilidade de



**Figura 1:** Arinda da Cruz Sobral.  
Fonte: "Álbum de artistas", v. 1, p. 75, divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional.

personagens como Arinda. Seguindo a lógica da genialidade na produção, a arquiteta talvez jamais aparecesse e, possivelmente, a trajetória de Arinda estaria destituída de possíveis outros significados.

Continuando a análise da trajetória da personagem, em 1911, o periódico *O Paiz* anunciou quem seria a primeira arquiteta do curso de arquitetura da ENBA. Atenta-se para o fato de que o título da matéria evoca Arinda da Cruz Sobral como "Futura architecta" em contraste com o título da profissão, "architecto", que somente recebeu a autorização para flexão de gênero nos diplomas a partir da lei 12.605, de abril de 1912.

O texto, além de apresentar a primeira arquiteta, enaltece a instituição e o curso de arquitetura. É compreensível que a exaltação do curso de arquitetura e da ENBA esteja inserida em um contexto de recuperação da importância da instituição e da própria legitimidade da formação em arquitetura. Alguns trechos do texto podem indicar estas possibilidades conforme será analisado. O texto também alude a respeito de outras mulheres presentes nos cursos de pintura, escultura e gravura, mas que nenhuma ainda havia se matriculado até o ano de 1907 no curso de arquitetura.

Arinda da Cruz Sobral é então anunciada a partir de seu tempo de formação, do trabalho árduo e por uma vida estudantil de excelentes notas. A ela é creditado o mérito da conquista e tratada como exemplo de esperança por sua carreira escolar bem-sucedida:

*Dependerá dela e somente dela esse diploma, mas quem com tanta aplicação e louvável aproveitamento se mostrou, durante cinco anos seguidos de estudos, saberá corresponder nos concursos da prática vindouro.*

*A sua vida escolar que tem sido modelo de modéstia, circunspeção e trabalho, é um documento valioso de esperanças. (O Paíz, 16 de novembro de 1911, p.2)*

Alguns aspectos típicos do contexto podem ser identificados neste trecho. A ótica liberal, que não atentava diretamente para os impasses sociais que a sociedade brasileira apresentava, pode ser aqui identificada através da matéria apresentada, onde o indivíduo é colocado como único responsável por suas conquistas: "Dependerá dela e somente dela (...)". A esperança, o progresso, uma abstração, um vir a ser como corolário ideológico da recém república: "a República viera para ficar e com ela o país romperia com a letargia do seu passado" (SEVCENKO, 1998, p.34).

Poderia ser também uma exaltação daquilo que a mudança de regime proporcionou? A possibilidade de uma mulher se formar como "architecto"? Talvez, tendo em vista que o periódico *O Paíz* era um grande interlocutor dos governos da República, aclamando o regime com a participação de importantes personalidades da época. Ou, ainda, pode-se cogitar as possíveis conexões entre a pessoa de Arinda e o periódico. Uma pista está na publicação de felicitações pelo seu aniversário no dia 05 de agosto de 1908 (*O Paíz*, p.7). Tais conexões poderão ser reveladas à medida que se desvenda a trajetória desta agente histórica e se analisam suas relações ao longo deste processo de pesquisa.

O texto encerra citando o exemplo da Inglaterra e sua primeira arquiteta revelada em 1904 e identificada como Miss Mac Clelland: "diplomada pelo Instituto Polytechnico Britannico, (...) Em 1905, revistas francezas de architectura noticiavam a formatura da architecta ingleza" (*O Paíz*, 16 de novembro de 1911, p.2). Este elemento também pode ser observado através de significados. Um deles, talvez seja o interesse de aproximação entre a realidade da sociedade brasileira e de outras encaradas como modelos de progresso, conforme destaca Sevcenko (1998, p. 27): "Fossem esses modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença resignada na infalibilidade do progresso".

No mais, para fundar o novo e construir o futuro do país nada mais ideal que o engajamento na prática construtiva, fundamento da arquitetura, que se aliava aos poucos à "sciencia", no dizer da época, a fim de afirmar seu lugar no caminho para a transformação da sociedade. Afirmar este caminho poderia ser também missão de mulheres que, neste caso, através do exemplo de Arinda, alinhava o Brasil à mentalidade moderna ocidental no que concerne às novas oportunidades para as figuras femininas.

O mesmo texto que revela a primeira arquiteta também busca a legitimidade de uma instituição e de uma profissão. Contudo, cabe ressaltar que é provável que a razão principal do artigo seja o anúncio da primeira arquiteta e que, desta maneira, é possível presumir que o processo histórico de consolidação do campo da arquitetura no Brasil se desenvolveu a partir da dinâmica entre: instituições, agentes e validação de saberes, segundo os valores de uma época, sob a ótica do progresso e da modernidade e com

a participação de figuras femininas. Portanto, comprova-se que, ao mesmo tempo em que a arquitetura deixava de ser um campo exclusivamente masculino, a partir da presença de Arinda, estabeleceu-se também um esforço para conferir legitimidade à profissão.

Neste contexto, também é importante ressaltar que a ENBA sofreu um processo de desprestígio desde os momentos finais do Império no Brasil. Vista como uma das instituições cujo legado era o dos valores monárquicos, os cursos ofertados não eram valorizados por uma república anunciada por militares, fundada nos valores positivistas e desejosa pela modernidade que, em termos de infraestrutura, se acreditava poder ser alcançada pela atuação de engenheiros.

O citado texto de 1911 aponta as reformas pelas quais a instituição passava até o momento. A publicação parece desconsiderar o passado do curso de arquitetura na ENBA ao sinalizar que somente em 1890, um ano após a Proclamação da República, o curso havia sido definitivamente organizado:

*Desde 1890 que na Escola Nacional de Bellas Artes ficou definitivamente organizado um curso especial de architectura.*

*Em 1901, promulgou o governo novo regulamento para aquella escola, ampliando este curso, que, na recente reforma Rivadavia, recebeu ainda maior desenvolvimemto. (O Paíz, 16 de dezembro de 1911, p.2).*

Ao tratar das condições para a matrícula no curso, o texto destaca que a arquitetura “além de ensino especial deve ser também considerado superior” (*O Paíz*, 16 de dezembro de 1911, p. 2). O que pode ser revelador sobre o interesse da instituição em ter o curso de arquitetura como superior, atentando para a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental da República, através do decreto 8.659 de 5 de abril de 1911, que não incluiu a ENBA.

É explícita a intenção de legitimar o curso através do texto também quando menciona os alunos formados e os que se encontravam na Europa como pensionistas do Estado. É possível interpretar os dados da fonte não só a partir do anseio de recuperação do prestígio da instituição, mas também da prática profissional em arquitetura como fundamental à lógica do progresso: “Nota-se que, á medida que progredimos, vai-se compreendendo já, felizmente, a imprescindível intervenção do architecto na organização de projectos e respectiva execução.” (*O Paíz*, 16 de dezembro de 1911, p. 2)

A passagem da primeira arquiteta da ENBA não foi sem registro de produção, apesar de muito provavelmente ela não ter dado sequência à carreira como arquiteta, o que apenas se intui neste momento. Não se pode ainda afirmar que, paralela à atividade como docente, Arinda não tenha se envolvido em outra atividade relacionada à arquitetura. No entanto, apresenta-se um fato muito importante para a definição de marcos na historiografia da arquitetura no Brasil, no que diz respeito às profissionais: descobriu-se, através desta investigação, que a estudante foi responsável pelo primeiro projeto realizado por uma mulher de que se tem notícia no ano de 1911. Tal projeto foi o da capela São Silvestre situada no Rio de Janeiro, próximo ao bairro de Santa Tereza na estrada que vai até o Corcovado, hoje, um grande ponto turístico da cidade.

A produção da capela foi noticiada por jornais da época. Em 1911, no ano anterior à execução do projeto, o jornal *A Notícia*, de 28 e 29 de dezembro anunciou:

*Oratorio do Silvestre – Lançamento da pedra fundamental – Primeiro projecto da primeira architecta brasileira – Festejos no dia 31, á meia noite.*

*(...) No domingo ás 9 horas da manhã, como a imprensa noticeou, foi lançada a pedra fundamental, na presença do Senhor Marechal Presidente da República, do chefe de sua casa militar e de muitas pessoas.*

*O oratório projectado será uma construção modesta, mas elegante, surgido de embasamento rustico revestido de pequenos blocos a granel, de pedras daquellas paragens. Das juntas desses pequenos blocos de pedra deverão florescer avencas e plantas semelhantes. A forma do oratório será a de nicho. A frente de tijolos rejuntados com enquadramento de fiadas, a cimento, de pontas de diamante, ostentará um grande vão de porta correspondente ao altar. Encimará a construçõsinha um frontão curvo culminando uma cruz sobre pedras rusticas. A parte posterior será convexa e ficará contornada por moitas de arbustos.*

*O desenho do projecto foi elaborado pela Sra. D. Arinda da Cruz Sobral, a primeira brasileira a diplomar-se em architectura. (A Notícia, 28 – 29 de dezembro de 1911, p. 3)*

A fonte, além de apresentar as características do projeto, ressalta o fato de Arinda ser a primeira mulher a obter o diploma de arquitetura no país: "Até 1907 nenhuma senhora se havia matriculado na Escola Nacional de Bellas Artes com destino ao curso de architectura. D. Arinda foi a primeira e única até agora." (*A Notícia*, 28 e 29 de dezembro de 1911, p. 3) Arinda recebeu o diploma em 1914, mas, até o ano de 1912, segundo a fonte, ela já havia cumprido as disciplinas faltando apenas os exames práticos. Certamente a análise do projeto frente às características da época e a busca de mais informações a respeito serão fundamentais.

Será importante ressaltar também os motivos inerentes à escolha do projeto da estudante, como o processo se instituiu no âmbito da Escola e quais os impactos posteriores. O jornal *A Imprensa*, de 19 de janeiro de 1912, apontou que a ideia fora do Coronel João Victorino, com desenho de Arinda e execução de Henrique Lavoie. Este último, era conhecido como artista e ingressou no curso de arquitetura nos anos 1920. Apresentam-se, nas figuras 2 e 3, imagens atuais da capela e dados que hoje são veiculados sobre ela.

Em 18 de agosto de 1928, a *Revista da Semana* (figura 4) publicou um pequeno editorial sobre a capela, datando sua construção de 1910 e enfatizando o sentido religioso e pitoresco do monumento: "Há dezoito anos atraz, monsenhor Massa, que é hoje Bispo do Rio Negro, dava ao Rio de Janeiro a sua menor capella." (*Revista da Semana*, 18 de agosto de 1928, p. 36).

A autoria não foi apontada e até hoje, numa rápida visita em *sites*, esta informação não consta e a data de 1910 é replicada como a de sua edificação, equívoco que comprovadamente se esclarece com a data de outras fontes que indicam 20 janeiro de 1912 como o de início das obras. No dia 19 de janeiro de 1912, "A Imprensa"



**Figura 2 (em cima):** Capela de São Silvestre após deslizamento de terra em 2010. Fonte: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1568415-5606,00-CAPELA+SOBREVIVE+A+DESLIZAMENTO+NO+MORRO+DO+SUMARE.html>>.

**Figura 3 (embaixo):** Capela de São Silvestre em 2022. Fonte: Autoria própria.



**Figura 4:** "Menor capella do Rio", o título do editorial da Revista da Semana. Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

anunciou o início das obras reafirmando a autoria do projeto como sendo de Arinda da Cruz Sobral: "A festividade de amanhã, coincidindo com o feirado municipal da fundação da cidade, será a do início das obras, o começo da construção dos alicerces da capellinha" (*A Imprensa*, 19 de janeiro de 1912, p.4). Já no dia seguinte, a *Gazeta de Notícias* noticiava: "Iniciam-se hoje, á 1 hora da tarde, as obras da capella de S. Sylvestre, que por intermédio do Sr. Coronel João Victorino vai ser erigida no Sylvestre." (*Gazeta de Notícias*, 20 de janeiro de 1912, p. 4).

Contemplando estes dados, quais poderiam ser os sentidos do projeto realizado por Arinda? Num momento de incipiência de demandas e de reconhecimento, demonstrar a capacidade de projetar para a primeira mulher formada em arquitetura deveria ser um grande passo no conjunto dos embates que o campo enfrentou até as primeiras medidas que o fortaleceram, como: a instituição da primeira organização profissional em 1919, o Instituto Brasileiro de Arquitetura, a definição da arquitetura como curso superior em 1931, a regulamentação da profissão em 1933 e a organização da Faculdade Nacional de Arquitetura em 1945. Arinda se constituiu arquiteta num contexto paradigmático para a Capital Federal com a Reforma Pereira Passos; momento importante para projeção da prática de arquitetura, a reforma urbanística capitaneada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos foi fundamental para legitimação da engenharia, arquitetura e do urbanismo. Era a Belle Époque carioca e seu cenário de uma cidade que aspirava ser uma Paris.

Retornando às circunstâncias em que se encontrava o campo da arquitetura nas primeiras décadas do século XX e sua relação com a presença de mulheres, reforça-

se o argumento de que a presença de Arinda foi a provável introdução da mulher na arquitetura no Brasil e estando desde o início no processo de definição do campo, as figuras femininas foram agentes tão importantes quanto outros profissionais masculinos. Com o passar dos anos, cada vez mais presentes na área, as mulheres demonstraram a possibilidade de exercício da profissão conforme essa pesquisa revela através de outros nomes que também são seus objetos.

No que diz respeito às mulheres e as instituições de arquitetura, não se pretende afirmar que foi apenas com a entrada de estudantes do sexo feminino que teve início o processo de legitimação do campo, mas sim que os estudantes e profissionais do sexo masculino não foram os únicos a levar adiante este processo. Talvez não possam ser encontradas mulheres encabeçando os embates em torno da definição da arquitetura e do urbanismo, cabendo aqui um debate sobre as relações de gênero e como elas auxiliam no entendimento do desmerecimento ou limitação para atuação das agentes no campo. Todavia, como já identificada pela historiografia, Carmen Portinho, por exemplo, engenheira pela Escola Politécnica e urbanista pela Universidade do Distrito Federal, foi uma figura essencial para a consolidação da arquitetura, do urbanismo, do *design* e da implementação de políticas de habitação popular e artes no Rio de Janeiro e, certamente, para o Brasil.

Retirar Arinda da Cruz Sobral da invisibilidade pode evidenciar um caminho para a compreensão das mudanças pelas quais a arquitetura e urbanismo passaram, que este trabalho de investigação pretende ao identificar para as mulheres como agentes históricas. O que pode significar arquitetura e urbanismo a partir de suas existências diante de tudo o que já se estabeleceu historicamente com suas ausências? Pode-se também lançar luz sobre dois aspectos: como a arquitetura e o urbanismo experimentaram as mudanças que se efeturaram na sociedade no que se refere aos papéis atribuídos à figura feminina; e, num outro olhar, observar a atuação das profissionais no momento da mudança de paradigma na arquitetura acadêmica.

Antes considerada um saber mais próximo das artes, a arquitetura iniciou a trajetória de afastamento do âmbito artístico, demarcando sua função perante as modificações na cidade a partir da aproximação com a racionalidade moderna. Diante desse aspecto, é de nosso interesse verificar como os saberes e práticas se conformaram de tal modo que implicam ainda hoje numa tendência para a diferenciação das atividades profissionais a partir de hierarquias de gênero que reforçam a dominação masculina mesmo diante da minoridade quantitativa deste grupo.

Na época de Arinda o curso da ENBA não era considerado ensino superior e a formação era em arquitetura. Até o ano de 1914 estava em vigor a Reforma Rivadávia Correa de 1911 e, por esta razão, Arinda não recebeu um certificado de arquitetura segundo o registro no livro, mas foi lembrada junto aos formandos de 1916 por Adolfo Morales de Los Rios no evento de celebração dos 100 anos da ENBA e formatura da turma daquele ano (*O Paiz*, 13 de agosto de 1916, p.2). Na ocasião, Los Rios, paraninfo da turma, citou os alunos que haviam se formado e não obtido certificado com o título de engenheiro-arquiteto, pois o que se fazia era um registro da habilitação em arquitetura. A partir do decreto 11.749 de 13 de outubro de 1915, a instituição passou a ser considerada um instituto de instrução superior e especial e o título conferido era o de engenheiro-arquiteto. Esta, certamente foi uma das formas de

alinhar o ensino de arquitetura à racionalidade técnica e científica que se creditava ao ensino de engenharia. Portanto, provando-se mais uma vez o quanto o estudo das personagens invisibilizadas pode revelar a trajetória de estruturação do campo da arquitetura precisamente, em razão de serem parte deste processo.

### **Tensionamentos entre a visibilidade e a invisibilidade da primeira arquiteta da ENBA**

Consta, na edição de 15 de abril de 1928 da *Gazeta de Notícias*, que Danúzia Palma Dias Pinheiro foi premiada com medalha de ouro na *III Exposição Pan-Americana de Architectura* realizada em Buenos Aires no *III Congresso Pan-Americano de Architectos* em 1927:

*É assim que surge a primeira mulher patricia conquistando, no cenário de renhida competição académica, entre outros já profisionaes, a medalha de ouro, por trabalhos apresentados, na 3ª Exposição daquele Congresso, realizado em Buenos Aires.*

*Essa illustre concorrente foi a senhorita Danuzia Palma Dias Pinheiro, filha do coronel do Exercito Dr. Francisco Jorge Pinheiro e alumna do 4º anno, ao tempo da Exposição.*

*E verdade é que a senhorita Danuzia Pinheiro firmou nos bancos escolares um prestígio – o verdadeiro prestígio dos que se distinguem pela inteligência e amor dos livros – que lhe valeu, durante todo o seu curso, a encerrar-se este anno, a admiração e a estima dos mestres.*

*É assim também a primeira brasileira que se diploma em arquitetura (...). (Gazeta de Notícias, 15 de abril de 1928, p. 2)*

Aluna do curso de arquitetura da ENBA, ela é mencionada como a primeira arquiteta a se formar na instituição, além da menção por ter sido a única mulher a receber medalha. A reportagem também ressalta sua vida escolar bem-sucedida. Mas, afinal, por que Danúzia foi citada como primeira mulher a receber o título de arquitetura pela escola se Arinda já havia traçado este percurso anos antes?

Procurando dar conta desta questão, indica-se um exercício de tensionamento na construção das memórias de Arinda e Danúzia a partir dos periódicos. O confronto entre estas duas informações distantes no tempo, aqui não são compreendidas como um mero equívoco, mas como parte de uma forma de se constituir os dados a partir de um determinado lugar. A este lugar se refere a maneira como se produzem as memórias, o que, por que e como tais são destacadas.

Qual a efetividade do reconhecimento de Arinda como primeira arquiteta? Não causa impactos o esquecimento de Arinda e a informação de que Danúzia foi a primeira arquiteta 7 anos depois de sua antecessora? Muitas questões podem ser levantadas, desse modo, esta proposta de tensionamento pretende trazer alguma reflexão a respeito da concepção de narrativas. A indiferença com relação a Arinda, já em 1928 esquecida como responsável pelo projeto da capela de São Silvestre, de acordo com o que já foi abordado, talvez possa se referir menos à força de sua presença e mais

sobre os critérios intrínsecos daquilo que se lembra e do que se esquece. Observando sobre a perspectiva do gênero, por vezes inculcada sob o aspecto da naturalidade ou da pouca importância de determinados fatos que envolvem mulheres, Bourdieu (2002, p. 3) é capaz de auxiliar na compreensão dessa proposta de tensionamento de dados com a ideia de violência simbólica:

*(...) violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.*

Não cabe a condenação das informações das fontes, mas um olhar amplo sobre uma narrativa que não foi assegurada a respeito da primeira mulher arquiteta da ENBA. As razões pelas quais no passado não se asseguraram as informações sobre tais personagens, hoje podem servir como uma forma de esclarecimento a respeito do desconhecimento da presença delas no processo de desenvolvimento da área de arquitetura e urbanismo no Brasil. Portanto, o que se pretende tensionar é tanto a narrativa quanto a constituição de memórias. Observando que os periódicos também podem operar segundo uma dinâmica de lembrança e esquecimento, que se realiza de acordo com os valores, crenças e discursos presentes na sociedade, é na história da arquitetura e urbanismo que se encontrou a oportunidade de tensionamento, isto é, fazer uso da história como instrumento para pontar as amnésias e entender o porquê delas, conforme esclarece Motta:

*Assim, é mais do que razoável admitir que a memória e a história não são sinônimos, pois, diferentemente da primeira, a história aposta na descontinuidade, visto que ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão; ela é manejada, reconstruída a partir de outros interesses e em direção diversa, e, para se opor à memória, a história tem ainda o objetivo de denunciar e investigar os elementos que foram sublimados ou mesmo ignorados pela memória. (p. 25, 2012)*

O que se buscou com a problematização, aqui encarada como tensionamento de narrativas e memórias, foi reposicionar Arinda e Danúzia nos tempos de suas experiências em arquitetura e urbanismo, a fim de repensar a continuidade das condições que ainda invisibilizam mulheres na área. O exercício metodológico de crítica às fontes e a apresentação deste conflito de informações no período salientado podem dizer a respeito do passado, mas também podem elucidar como no presente a lógica do pouco reconhecimento das mulheres em arquitetura e urbanismo ainda perdura e promove a invisibilidade, Motta (p. 26, 2012), mais uma vez, auxilia na compreensão deste exercício:

*A história seria, então, uma operação intelectual que, ao criticar as fontes, reconstruí-las à luz de uma teoria, realiza uma interpretação na qual o que importa não é só a noção de um consenso, mas também a do conflito. Nesse sentido, ela não serve para glorificar o passado, pois o que ela realiza, na maioria das vezes, é a deslegitimação de algo construído pela memória, e que muitas vezes permanece escrito, registrado, mantido no presente.*

Portanto, pode haver outro tensionamento e, desta vez, entre passado e presente: por que indicar a amnésia entre o reconhecimento de Arinda como primeira arquiteta e o

dados que Danúzia ocuparia este lugar, se nem uma nem outra são reconhecidas hoje? O fato de Arinda ter sido esquecida 7 anos depois e de como Danúzia, e tantas outras também foram, pode nos dizer a respeito das continuidades da prática da violência simbólica, bem como, o peso que as relações de gênero têm sobre as narrativas. Esta é uma possibilidade para a reflexão no tocante à outras amnésias presentes nas narrativas e memórias que relacionam arquitetura, urbanismo e gênero.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COLOMINA, Beatriz. Couplings. Rearrangements, A Smithsonian's Celebration. *OASE*, Roterdã, n. 51, p. 20–33, 1999. Disponível em: <<https://www.oasejournal.nl/en/Issues/51/Couplings>> Acesso em 28 de outubro de 2021.
- DURAND, J. C. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- MARQUES, Sônia. *Maestro sem orquestra*. Um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil, 1820-1950. Dissertação (mestrado em ciências sociais). Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013.
- SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRS/FACED, v. 16, n. 2, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau (org). O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da Vida Privada do Brasil*, São Paulo: Cia das Letras, vol. III, 1998.
- STRATIGAKOS, Despina. *Where are the women architects?* New Jersey: Princeton University Press, 2016.

## Fontes

- A Imprensa*. Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1912. Seção notas mundanas, ano 9, n. 1488, p.4. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 28 e 29 de dezembro de 1911. Ano 18, n. 334, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.
- Arinda da Cruz Sobral. *Álbum de artistas*, v. 1, p. 75, 1932. Divisão de Iconografia – Fundação Biblioteca Nacional.
- Brasil. Decreto 8659, de 05 de abril de 1911. Aprova a lei Organica do Ensino Superior e do Fundamental na Republica. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Rio de Janeiro, RJ, seção 1, p. 3983, 06 abr. 1911.
- Brasil. Lei 12.605, de 03 de abril de 2012. Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 66, p.1. 04 de abr. de 2012.
- Capela sobrevive a deslizamento no Morro do Sumaré, 13 de abril de 2010. Fonte: Portal G1 <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1568415-5606,00 CAPELA+SOBREVIVE+A+D ESLIZAMENTO+NO+MORRO+DO+SUMARE.html>>. Acesso em 28 de outubro de 2021.

Centenário das Bellas Artes. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1916. Ano 32, n. 1663, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

Collação de Grão. *O Século*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1906. Ano 1, n. 35, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

Felicitações. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 05 de agosto de 1908. Ano 24, n. 8707, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

Futura Architecta. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1911. Ano 28, n. 9232, p.2. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 20 de janeiro de 1912. Ano 35, n. 20, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

III Congresso Pan-Americano de Architectos. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1928. Ano 28, n. 35, p.36. Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Menor capella do Rio. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1918. Ano 24, n. 35, p.36. Hemeroteca Digital Brasileira - Fundação Biblioteca Nacional.

São Silvestre. *A Notícia*. Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional.

**Recebido** [Dez. 15, 2021]

**Aprovado** [Jul. 13, 2022]